

## O APAGAMENTO E A MANUTENÇÃO DO /R/ NA CIDADE DE UBERLÂNDIA EM TEXTOS ESCRITOS

Guilherme Antônio SILVA  
Universidade Federal de Uberlândia  
gasguintony@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho relata uma pequena pesquisa da variação do /R/ em apagamento e manutenção na cidade de Uberlândia. O objetivo deste artigo é analisar esta variação em nomes e verbos, descrever o contexto em que existe/ou não esse processo e os fatores que favorecem a variação nesta comunidade de fala. Utilizando a metodologia da sociolinguística variacionista que defende que a variação não é algo aleatório, mas regulada e possível de ser sistematizada.

**Palavras-chave:** retroflexo; pesquisa sociolinguística; análise fonológica.

### Introdução

O apagamento do /R/ na *coda* final<sup>1</sup>, seja em nomes seja em verbos, é observado na fala não monitorada como em: Arrumáø, inventáø, faláø; sendo considerado como um fenômeno variável a ser descrito e investigado, garantindo pelo menos duas variantes do /R/ - a manutenção<sup>2</sup> e o apagamento ø. Neste trabalho não será observado o *status* do /R/, seja ele um segmento fricativo, velar, retroflexo, dentre outros; mas somente sua manutenção ou apagamento.

Nesta pesquisa, pretende-se analisar a utilização do /R/ em determinados contextos e por diferentes fatores linguísticos e sociais. Primeiramente, temos como ponto de partida o recorte do objeto de estudo que é a *variável dependente*, que, neste projeto, é o estudo do /R/ nos seguintes contextos:

1 - C V __ C
2 - CV __ ## C
3 - CV __

Assim, o estudo se atentará principalmente a este contexto, o *r* em 1, encontra-se no meio na palavra e fim de sílaba seguido de consoante, exemplos: <porta>, <caderno>, <armário>; em 2, o *r* no fim da palavra e no fim de sílaba com uma consoante no contexto seguinte, exemplos: <por##todos>, <ar##que>, <lar##dos>; em 3, o *r* no fim da palavra e no fim de sílaba sem contexto seguinte (pausa ou fim de frase), exemplos: <amar>, <falhar>, <favor>.

Esse fenômeno é objeto de estudo em várias regiões do país por estudiosos como: Callou (1979) que fez uma descrição da fala urbana culta do Rio de Janeiro, usando um *corpus* de 55 informantes do banco de dados do projeto NURC; Mollica (1997) estuda a relação entre a

<sup>1</sup> A posição de *coda* final se refere ao final da sílaba no final da palavra como em <mar> e <festejar>.

<sup>2</sup> A variante do /R/ pode variar de acordo com a comunidade de fala: retroflexo, velar, tepe.

variação, a mudança e a aquisição, dentre outros fenômenos ela investiga o apagamento do /R/ na posição de *coda* do português como língua materna e da fala de índios como segunda língua no artigo “Aquisição de Padrões Fonológicos Variáveis” In: *Variação e Aquisição*; Monaretto (2000) pesquisou 36 entrevistas com informantes do banco de dados VARSUL. É mostrado nesses trabalhos o apagamento deste seguimento, sendo que isso ocorre mais em verbos.

Este trabalho, que se pode confundir com um relato, partiu da correção de redações de alunos do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Uberlândia-MG. As redações se tratavam dos gêneros relato pessoal e carta pessoal nos quais os temas foram variados e, em alguns casos, o tema foi livre. Ao corrigir as redações foi observada a utilização da oralidade na escrita dos alunos. Dos elementos utilizados que caracterizavam esta oralidade, se mostrou presente a falta de ligação entre períodos, frases e parágrafos. Mostrou-se ausentes itens de coesão como o sintático já dito e, também, o morfológico, fonológico e semântico. Os alunos não utilizavam a marca de passado o morfema –ou (utilizando somente o –o como em amôø), além disso as palavras apareciam em grande quantidade escritas não de acordo com a ortografia, mas sim da forma que são pronunciadas.

Houve várias marcas que projetavam ou identificavam o uso da oralidade em tais redações. A troca do –s pelo –z, a confusão também gerada pela utilização de ç, ss, x, dentre outros. Tudo isso reforçando a falta de conhecimento da grafia/escrita por parte dos alunos. Além de todos esses elementos mostrados, os alunos ainda apresentaram dificuldades em diferenciar usos como “a gente” e “agente”, a conjunção “mas” pelo advérbio “mais” e vice versa. A palavra “muito” apareceu escrita várias vezes como “muinto”, outra palavra que mostra a falta de noção entre fala e escrita foi “desde” que apareceu grafada como “deus de”, “deos de”, “deis de”, etc.

Após estas constatações, observa-se a descuido dos alunos referente à distinção entre a fala e escrita, mas, mais que isso, mostrou a forma com que eles falam em sua comunidade. E notou-se que os alunos não utilizavam o /R/ principalmente em verbos na posição de *coda*<sup>3</sup> final.

Nesse artigo observar-se-á o apagamento ou a manutenção do /R/ na posição de *coda* final de verbos e nomes, utilizando as redações de alunos do Ensino Médio de uma escola estadual de Uberlândia-MG. Este faz parte de um estudo maior proposto na pesquisa dissertação de mestrado com o nome de “A variável /R/ na cidade de Uberlândia: Análise fonológica e variacionista”, que tem como *variável dependente* o estudo do /R/ na posição de *coda*, seja final ou medial.

## 1 A pesquisa da dissertação de mestrado

O foco de estudo da pesquisa intitulada “A variável /R/ na cidade de Uberlândia: Análise fonológica e variacionista”, é a variação do /R/ – em retroflexo[ɽ], fricativa velar[x] e outros segmentos como a fricativa faringal [ħ]; a fricativa glotal [h]; o apagamento ø e a aproximante palatal [j] - na fala dos moradores de Uberlândia-MG. A pesquisa tratará os dados para tentar entender e explicar a variação envolvendo essa consoante. Para isso, analisaremos tanto fatores linguísticos quanto extralinguísticos que possam contribuir ou não para a variação do /R/ na *coda* (posição final da sílaba).

A investigação do /R/ será feita em realizações como *porta*, *carteiro* e *amor*. Descreveremos também o que ocorre com o /R/ em outros contextos - de acordo com as *variáveis linguísticas* - para podermos identificar os fatores que favorecem ou desfavorecem o processo de variação. Contudo é sabido que o /R/ tem contraste fonêmico na posição intervocálica como em <carro> e

<sup>3</sup> A posição de *coda* é a posição final da sílaba: bar, carta, trás, etc.

<caro>, mas na posição de coda é representado como /R/, pois, nesta posição, neutraliza-se o *r* forte e fraco - como aponta Vilaça (2011).

Neste plano de trabalho é adotado a teoria variacionista de William Labov (1972). Sendo assim, serão analisadas sete *variáveis*, das quais quatro linguísticas: contexto precedente (como em s[u]rto, m[o]rdida, f[é]rtil e b[a]rco), contexto seguinte (como em ar[m]a, ar[t]erial, ar[q]ueiro e amar[ø]), tonicidade da sílaba (acentuadas: favór, mórte; Não acentuadas: marcação, enfermeira) e posicionamento da sílaba na palavra (como em entrar, marca e marcado); e três extralinguísticas: sexo (masculino e feminino), idade (entre 15 e 34 anos, entre 35 e 54 anos e com mais de 54 anos de idade) e grau de escolaridade (entre 0 e 11 anos de estudo e com mais de 11 anos de estudo).

Sobre as entrevistas, Labov (1972) sugere a entrevista formal e estruturada sendo que a entrevista pode não ser tão comum como nas situações corriqueiras do informante, mas não tão formais quanto uma entrevista de emprego. Tarallo (2000) assume que “O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados” (p. 21). Posteriormente, os dados serão analisados estatisticamente pelo programa *GOLDVARB X* e também acusticamente pelo *software* PRAAT para darmos um *status* ao /R/ utilizado por esta comunidade.

## **2 Perspectiva teórico-metodológica – o apagamento do /R/ na posição de coda final**

Neste trabalho é adotado a abordagem da Teoria da Variação de William Labov, que esta é considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso por meio da vertente sociolinguística assim como é adotada por Mollica (2003).

Esta pressupõe a heterogeneidade da língua que está sujeita à variação e à mudança, mas estas são possíveis de uma análise sistemática, por meio de seus fatores internos e externos à língua, possibilitando identificar os possíveis processos de mudanças num indivíduo, num grupo ou em uma comunidade de fala.

É importante enfatizar que mesmo a variação sendo observada aqui pelo viés da Teoria da Variação, esta, neste momento, não será uma análise quantitativa, mas sim qualitativa dos dados, onde a variável dependente (o apagamento do /R/ ou sua manutenção) será observada em paralelo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Observa-se que a variação linguística é de natureza humana e que o indivíduo e a sociedade são heterogêneos. As diferenças sociais refletem na linguagem e, dependendo das *variáveis independentes*: grau de escolaridade, sexo, idade, dentre outras, pode haver alternância ou variação na fala. Isso acarretará diferenças nas regras da linguagem falada constituindo a gramática da língua, sendo de ordem: fonéticas-fonológicas, sintáticas, morfológicas, fonéticas, semânticas, lexicais e pragmáticas; e com a possibilidade de identificar elementos característicos de uma comunidade de fala, serão chamados de variações ou variedades linguísticas. Porém, existem regras que não podem ser violadas e não estão sujeitas à variação. Um exemplo disso seria o uso do artigo antes do substantivo no PB.

A *variável dependente* do plano de trabalho proposto é o /R/ em posição de coda medial e final. Temos as variantes linguísticas que compõe esta variável, são elas: retroflexo[ɻ], fricativa velar[x] e outros segmentos como a fricativa faringal [ħ]; a fricativa glotal [h]; o apagamento ø e a aproximante palatal [j]; então a ausência do /R/ observada nas redações dos alunos reforça uma das hipóteses geradas naquele plano de trabalho: existe o apagamento do /R/ na coda final em

verbos. Disto, por meio da *variável dependente*, temos as variantes como foi mostrado, e o apagamento  $\emptyset$  é uma das variantes desse fenômeno variável.

A observação dessas redações mostrou a ausência do /R/ somente no fim de palavras e em sua maioria em verbos, desta forma o item posição da sílaba – uma das variáveis fonológicas - foi um elemento que favoreceu a variação, sendo que na sílaba final houve apagamento quase categórico, isto ocorrendo nas redações dos alunos que empregaram mais a oralidade na escrita.

Vários trabalhos anteriores a este mostram que há o zero fonético no fim de palavras como em Callou ET AL. (2002). É mostrado por estes autores que o /R/ sofre um fenômeno pelo princípio da linguagem que é a sílaba CV (consoante – vogal). Há também a perspectiva que o PB - Português Brasileiro - favorece elementos com o traço [-consonantal] na posição de *coda* reforçando esse conceito.

Então, o /R/ na posição de *coda* pode-se apagar obedecendo a um princípio da linguagem - a sílaba CV – e, ainda, a um parâmetro do PB – traço [-consonantal] na posição de *coda* – podendo gerar hipoteticamente algo como a aproximante palatal [j] na *coda* pelo processo de vocalização e, ainda, o apagamento  $\emptyset$  obedecendo ao princípio da sílaba CV.

Estudos de Callou et al. (2002) ainda mostram que a realização do /R/, que pode ser determinada dialetalmente, pode ser uma vibrante múltipla alveolar (rara em posição de *coda*) a um zero fonético (em posição de *coda* final). Essa possibilidade de várias variantes pode ser mostrada pelo processo de enfraquecimento, que leva até mesmo ao apagamento do segmento. A sequência postulada por Callou et al. (2002, p. 544) é:

$$RR \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$$

Temos uma vibrante múltipla [r] que passa a vibrante simple ou *tap*, posteriorizando-se até as fricativas velar e faríngea e, então, o zero fonético.

### 3 Amostra

Foram analisados 120 relatos e 200 cartas pessoais, de 120 alunos do sexo feminino e masculino de 1º anos do Ensino Médio, com faixa etária entre 14 e 17 anos de uma escola estadual de Uberlândia-MG. Essas redações foram pedidas semanalmente como tarefa de casa com o intuito de trabalhar a produção de texto dos alunos por diversos gêneros. Posteriormente, serão apresentadas algumas dessas redações mostrando recortes das redações com essa variação junto a outros erros gramaticais. Fez-se um recorte para este artigo de três redações, as quais serão trabalhadas passo-a-passo, mostrando o fenômeno aqui trabalhado e mais alguns envolvendo a oralidade.

O objetivo deste trabalho é analisar se existe a variação do /R/ em manutenção e apagamento e, se há, quais os fatores linguísticos e sociais que estão envolvidos neste fenômeno variável sob a perspectiva da sociolinguística laboviana. Assim como mostra Mollica (2003, p.10) “[...] entendendo-a como um princípio geral e universal, possível de ser descrita e analisada cientificamente”. Os fatores sociais são estudados como influenciadores sobre a estrutura [...] no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis”.

Analisamos também as classes gramaticais verbo e nomes para verificarmos se há condicionamentos diferentes para ocorrência do fenômeno nessas duas classes morfológicas, partindo de uma hipótese gerada e também mostrada em trabalhos como o de Monaretto (2000).

Foram observadas as seguintes variáveis:

- **extralinguística:**

- ✓ Idade e escolaridade;

- **linguísticas:**

- ✓ Classe morfológica: verbos e não-verbos (substantivos, adjetivos, advérbios, dentre outras palavras);
- ✓ Dimensão da palavra (se monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo);
- ✓ Contexto linguístico seguinte (consoante, vogal, pausa - final de enunciado);
- ✓ Posição da sílaba na palavra.

Obviamente também, por meio deste “relato” pretende-se contribuir com o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa por meio da Fonologia. Os conhecimentos fonológicos podem ajudar os professores a sanarem dúvidas quanto aos erros dos alunos de forma que se realmente existe um fenômeno fonológico levando o aluno ao “desvio” da norma, o professor terá uma teoria do porquê que ele acontece e terá mais apoio para trabalhar não desqualificando a variedade do aluno e o ensinando a variedade padrão da língua.

#### 4 Análise das redações

Serão mostradas três redações e posteriormente será feita uma discussão sobre a variável dependente e as variáveis independentes (linguísticas). A primeira redação será mostrada e problematizada por meio do recorte a seguir:

*“Minha vida na escola é bem complicada. Todos os anos de estudo que eu já tive eu nunca estudei em uma escola só então todos os anos tem aquele problema de adaptação, mas ate que nesses ultimos anos está ficando mais fácil se adaptar.*

*Eu sempre passo, não sou uma ótima aluna mais sou esforçada, faço o possível pra conseguiØ completaØ o ano, um ano perdido não dá então eu tento daØ valor nos estudos.*

*O meu pior ano escolar, foi quando eu estudava em Brasília, nossa era muito complicado [...] a parte mais complicada em não ser uma aluna fixa, é perdeØ os amigos que agente faz e no fim do ano teØ que esquece-los [...]*”

Em uma primeira observação, há a ideia que estes alunos estão chegando a este nível – Ensino Médio - sem noções de escrita. Pode-se dizer que os alunos “transcrevem” sua própria fala. Isso é observado, por exemplo, por meio de palavras como “aí” identificando a sucessão de algum acontecimento em vez de utilizar algum conectivo entre orações ou entre frases.

A falta de coesão e coerência não foi alterada nem mesmo a falta de acentuação. Do *corpus* mencionado foi observada a presença da variante “apagamento ø” do /R/ na posição de *coda* final e a manutenção em certos casos.

Foi colocado em negrito os “erres” que não foram apagados. Nos verbos houve a manutenção do /R/ no final de palavra em “adaptar” e “ser” e, em nenhum caso houve o apagamento do /R/ no meio da palavra independente do item lexical(verbo ou não verbo). Em nomes o /R/ também não sofreu apagamento, são os casos de “valor” e “pior”.

Nesta redação houve o apagamento do /R/ em verbos no infinitivo, independente do tipo de conjugação 1ª -ar, 2ª -er ou 3ª -ir, que são os casos de conseguiØ, completaØ, daØ, perdeØ e teØ, respectivamente. Outra redação de outro aluno(a):

*“Há um tempo atrás minha vida mudou, tudo começou na 8ª série onde eu conheci uma menina que se chamava Thaís a namorada do meu irmão. E com o tempo agente começou a conversaØ até quando agente ficou muito amigas em que um certo dia ela fez uma coisa que me deixou muito triste e com raiva, mas muita raiva mesmo que até me deu vontade de bater nela , só que meu irmão não deixou, depois disso agente acabou nossa amizade, e ela ainda continua com meu irmão. Muito tempo se passou e eles terminaram e agente voltou nossa amizade e viramos melhores amigas novamente [...] alguns meses comecei a sentiØ [...]”*

Mesmo sendo de outro aluno, os erros são bastante parecidos. O aluno “transcreveu” a frase da seguinte forma:

*“E com o tempo **agente** começa a conversaØ até quando agente **ficou** muito amigas.”*

Temos um período composto e a utilização de um *conectivo* “até quando”, porém há a utilização da palavra “*agente*” usada erroneamente com o sentido de nós, pois deveria estar separado “a gente” e não “agente” com o sentido de “agente policial” ou “agente de trânsito”, etc; existe também a utilização contínua de “a gente” de certa maneira seguindo uma forma mais simples de conjugar o verbo, por exemplo fugindo da conjugação “nós ficamos”, assim mantendo uma conjugação mais simples: Eu fico, você fica, ele/a fica, a gente fica, vocês fica(m) e eles/as fica(m). Podemos ver isso ainda como uma marca de oralidade, pois a fala é não planejada, fragmentada, incompleta, pouco elaborada e tende-se a utilizar poucas palavras, disto o excesso de “a gente”.

Mas o principal desta frase para esta pesquisa é a ausência da marca de verbo o /R/ no final da palavra “conversaØ”. Fenômeno este que está em toda redação ao que se diz respeito aos verbos. O que não aconteceu, por exemplo, em: “[...] mais além de que uma melhor amiga[...]”; temos uma marca de oralidade da conjunção “mas” escrita assim como na fala desta comunidade mostrando uma ditongação, e o não apagamento do /R/ no advérbio “melhor”.

Podemos observar o princípio da sílaba CV na oralidade dos alunos. O apagamento do /R/ no verbo apresentado na frase “E com o tempo **agente** começa a conversaØ até quando agente **ficou** muito amigas” pode ser, de certa forma, causado pelo mesmo princípio da manutenção do /R/ na frase “[...] mais além de que uma melhor amiga[...]”, pois no primeiro caso houve o apagamento mantendo a sílaba CV, observe que mesmo tendo dois “a’s” os dois se geminam garantindo somente um som, fenômeno este conhecido como sândi vocálico – con.ver.sa.te; e na outra frase o /R/ que estava na posição de *coda* passa a ser *onset*<sup>4</sup>, havendo uma ressilabificação e restabelecendo o princípio da sílaba CV – me.lho.ra.mi.ga.

Nestas duas redações, observou-se a presença constante da oralidade, da fala desta comunidade e, ainda, que na variável fonológica item lexical houve o favorecimento do apagamento no verbo o que não aconteceu com um advérbio. Vamos observar mais um exemplo, em outra redação de outro aluno(a):

*“Eu era uma aluna nova na escola, não conhecia ninguém. As pessoas me olhavaØ com cara de mal, eu ficava na minha.”*

<sup>4</sup> *Onset* ou ataque é a posição inicial da sílaba, podendo ser **dor** e também **crer**.

*Demorou um bom tempo pra me adaptar mas logo fiz algumas amizadeØ. As meninas que queriaØ ser as mais gostosaØ da escola não gostavaØ de mim, todo dia uma tentando arrumaØ confusão, eu nem dava moral então nunca dava em nada.*

*Passou meses nisso, a mesma coisa de sempre, a maioria me odiando e eu feliz e linda com as minhas duas amigas do lado. Um dia uma tal de Debora começou a inventaØ história, agente discutiu e tava tudo ótimo. So que ela não muito satisfeita foi falaØ com a menina mais briguenta da escola a Mara. Eu nem sabendo de nada tava la no recreio com meu namorado de boua quando derepente chega a Mara e mais 7, falando um monte de coisaØ que inventaram que eu falei dela sem eu nunca ter falado. Muita desculsaØ naquela hora, ela marcoØ comigo no final da aula, eu tava muito nervosa porque eu tava sozinha e ela de grupo ... a escola inteira ficoØ sabendo, escola de bairro, noticiaØ correØ fácil.*

*Nesses dois horarioØ antes da hora da saída, arrumei um grupo grande também. Eu sabia que no final eu ia ØtaØ sozinha na hora da briga mesmo eu sentia medo e coragem, o que eu mais queria era sair dessa briga, mais já Øtava tudo feito.*

*O sinal bateØ eu Øtava tremendo, mais fui ate lá de cabeça erguida. Cheguei la fora ouvi ela gritaØ: cadê você vagabunda? Eu só respondi: ØtoØ aqui. Ela veio pra cima com tudo, ela me fechoØ junto com a gangue dela não tinha como fazeØ nada, eu olhava pro lado e vi aquele monte de gente, eu penso que a escola inteira Øtava lá, tinha muita gente filmando, gritando eu me sentia perdida no meio de tantos, ela me empuroØ eu empurei ela também e falei pra ela não me empuraØ não. Quando ela veio me dáØ um soco na barriga eu segurei o braço dela, ela olhoØ dentro do meu olho e eu olhei pra ela também, e do nada foi embora. A Debora a culpada de tudo, me chamoØ eu tinha planejado tudo pra bateØ nela pelo que ela me fez passaØ, mais quando vi ela a diretora chamoØ nos duas, perguntoØ o que Øtava acontecendo, a Debora contoØ tudo, ela já Øtava chorando. Eu contei minha parte, cada uma ganhoØ uma suspensão, ela depois de tudo faloØ que não tinha nada a ver, pediu desculpa e perguntoØ se Øtava tudo certo entre eu e ela, eu nem respondi, peguei minhas coisas e fui embora. Foi o dia que passei mais raiva.*

*Depois disso todas começaram a conversaØ normal comigo, a Mara juntava grupo com nois pra arrumaØ briga, era tudo como se nada tivesse acontecido. Mas eu nunca gostei muito delas, pra mim nada mudoØ, continuei com minhas amigas e nem ligava para os comentarios. Mesmo com tudo isso e muito mais coisas que aconteceu o ano passado foi o meu melhor ano escolar.”*

Dentre todos os relatos, este foi o que mais houve o apagamento de segmentos, seja o /R/, morfemas, partes de palavras, etc. Foi pedido para os alunos fazerem o gênero discursivo “Relato pessoal” sobre alguma experiência na escola, sendo ela positiva ou negativa. Observou-se que o uso da linguagem informal é bastante recorrente neste gênero partindo da hipótese que construir narrativas de vida faz com que o informante utilize mais da sua variedade linguística – a utilizada na sua comunidade de fala.

Nesta última redação, será analisado passo-a-passo as variáveis linguísticas, sendo elas:

- ✓ CLASSE MORFOLÓGICA: verbos e não-verbos (substantivos, adjetivos, advérbios, dentre outras palavras);

Assim como nas demais redações, houve sim o favorecimento desta variável na variação do /R/. O /R/ se apagou muito mais em verbos do que nas demais classes. São inúmeros

exemplos de apagamentos do /R/ em verbos como: *arrumaØ*, *inventaØ*, *falaØ*, *ØtaØ*, *gritaØ*, *fazeØ*, *empuraØ*, *dáØ*, *bateØ*, *passaØ*, *conversaØ* e *arrumaØ*. Em não verbos temos exemplos como *melhor*, *escolar*, “*nada a ver*” (por ser uma expressão). Não pode se negar que é um fato que existe mais a ocorrência de verbos do que as demais classes e isso pode sim influenciar neste resultado, até mesmo porque a hipótese de que o /R/ se apagava mais em verbos e em sílaba final foi confirmada nessa pesquisa, também fazendo um paralelo com as demais pesquisas citadas como a de Molica (1997).

✓ DIMENSÃO DA PALAVRA (se monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo);

Nesta pesquisa esta variável não favoreceu ou desfavoreceu o apagamento, pois temos apagamentos tanto em monossílabos: *dáØ*; dissílabos: *bateØ*, *passaØ*; trissílabos: *inventaØ*, *arrumaØ*, *empuraØ*; não houve polissílabos. Em um primeiro olhar pode-se avaliar que houve mais apagamento em trissílabos, mas esse número não é confiável porque houve mais palavras trissílabas. O mesmo acontece com as polissílabas, não houve palavras polissílabas, então, isso não sugere que esta tenha desfavorecido o apagamento.

✓ CONTEXTO LINGUÍSTICO SEGUINTE (consoante, vogal, pausa - final de enunciado);

Esta variável também não se mostrou relevante porque houve apagamento em todas as situações descritas:

- Contexto linguístico seguinte – consoante: *arrumaØ confusão*, *falaØ com*, *fazeØ nada*, dentre outros.
- Contexto linguístico seguinte – vogal: “*inventaØ história*” e “*dáØ um*”.
- Contexto linguístico seguinte – pausa ou final de enunciado: “*ela gritaØ:*” e “*fez passaØ*”.

✓ POSIÇÃO DA SÍLABA NA PALAVRA:

A posição da sílaba na palavra é fundamental para o processo de apagamento. Na fala desta comunidade, pelo que foi notado nas redações, nunca se apaga o /R/ no meio da palavra, mas sim sempre no fim da palavra e principalmente em verbos. Existem dialetos já podem sim apagar o /R/ no meio da palavra e pronunciar algo como “*ceØveja*” ou “*poØteiro*”, mas no dialeto de Uberlândia-MG há a ocorrência do apagamento somente no fim de palavras ou nenhum estudo ainda mostrou o contrário.

Em outra redação, há vários fenômenos como a simplificação da sílaba em CV, marca de plural somente no determinante (no artigo) e a ausência do –u no tempo passado (amoØ ao invés de amou) e o apagamento do /R/. Nesta mesma redação foram observados os seguintes apagamentos do /R/:

*ArrumáØ*, *inventáØ*, *faláØ*, (es)táØ, *gritáØ*, *fazêØ*, *empuráØ*, *batêØ*, *arrumáØ*, dentre outros. Todas estas palavras foram escritas sem o /R/, mostrando a oralidade empregada na redação e enfatizada pelas palavras “(es)táØ” e “empuráØ” grafadas erroneamente, sendo respectivamente “estar” e “empurrar”.

Reforçando, o tema utilizado neste relato pessoal foi “alguma experiência dentro da escola”, além dos alunos mostrarem ainda uma incapacidade de diferenciar a escrita da fala, o tema ainda reforça a “intimidade” do aluno ao escrever como se estivesse falando. Pois assim

como mostra Tarallo(1994) temas que proporcionem narrativas de vida fazem o informante agir mais normalmente assim como em suas interações sociais. Tarallo cita isso dizendo sobre as entrevistas feitas para obtermos o *vernáculo*, porém podemos trazer esta teoria para as redações dos alunos desde que estes não distinguem – de certa forma – a fala da escrita.

Desta mesma redação outro fator que se evidenciou foi a marca de pessoa nos verbos, sendo assim palavras como (es)tava(m), corre(m), falou ~ falaram; ficam com uma conjugação mais simples, mostrando uma sintetização da língua, conjugando os verbos quase da mesma forma em todas as pessoas, o que também aconteceu na redação anterior.

As variáveis extralinguísticas apesar de não serem estudadas a fundo nesta pesquisa foram citadas porque foi utilizada a metodologia variacionista a qual pressupões que os fatores linguísticos são influenciadores no processo de variação. Então, mesmo não sendo observadas variáveis como gênero, idade e escolaridade, é importante relatar a idade e o gênero dos informantes. Sendo os informantes do sexo feminino e masculino e tendo de 14 a 17 anos de idade.

## 5 Conclusões

Sempre é necessário ou achamos necessário finalizar um texto e, se não o fizermos, parece-nos que falta algo a ser dito ou terminado. Levando em conta o que disse o digníssimo professor Sírio Possenti que foi muito feliz na sua fala argumentando que não existe texto pronto ou finalizado, o que realmente acaba é o tempo para se entregar o texto ou a vontade de trabalhar com tal texto ou com o tema do mesmo. Sendo assim, deixo aqui o que foi relevante nesta pesquisa para professores de Língua Portuguesa e para a descrição da gramática da língua também.

Primeiramente, o processo de observar esse fenômeno fonológico nas redações me “nortearam” referente às hipóteses que eu poderia trabalhar na minha pesquisa de mestrado. Descrevendo também o que acontece com o /R/ nos contextos observados e o que favorece ou não na sua utilização.

Em um primeiro momento o apagamento nem mesmo seria enfoque daquela pesquisa, mas pela ocorrência em grande escala mostrou que esta é uma das variantes de maior importância junto com a variante local - o retroflexo. Disto partiu esse artigo e a leitura de vários outros trabalhos de pesquisadores que também têm o /R/ como foco de estudo.

Posteriormente, sabendo sobre esses fenômenos fonológicos e o que os favorece pôde me servir como apoio para mostrar a esses alunos como fugir de certos “erros” e mesmo assim não perder a identidade que os mesmo trazem de sua comunidade de fala. Trazendo a Fonologia para ajudar os alunos a sanar “erros” e a um lugar que esta fica colocada a parte, sendo assim com este artigo ainda pode haver uma contribuição para outros professores que também podem ter na Fonologia uma base teórica de apoio para o trabalho com os alunos em suas produções textuais.

Ainda, com este artigo pode-se mostrar que ligar a prática, a pesquisa com os estudos forma um trio que não deve ser separado. Existem várias possibilidades a serem trabalhadas assim como o uso de “a gente” no lugar de “nós” e o que favorece esse fenômeno. Não somente fenômenos morfossintáticos, mas estudos de toda natureza. Sejam eles discursivos, pragmáticos, semânticos, dentre outras possibilidades.

## Referências:

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

\_\_\_\_\_; COLLISCHONN, G. (organizadoras); colab. Cláudia Brescancini ... [et al.]. **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BRANDÃO, S. F. **Nas trilhas do -R retroflexo**. Signum - Estudos da Linguagem, Londrina, n. 10/2, p. 265-283, dez. 2007.

CALLOU, D.I. **“Estudo sobre a vibrante no português vernacular do Rio de Janeiro”**. Tese de doutorado, Faculdade de Letras. UFRJ, 1979.

\_\_\_\_\_; MORAES, J. e LEITE, Y. “O Vocalismo do Português do Brasil”. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.31, n. 2, p. 27-40, junho 1996.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1977.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The sound pattern of English**. New York: Raper e Ros, 1968.

COLLISCHONN, G. **Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2006/2. 114 p.

FERRAZ, I. da S. **Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR)**. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 2005.

HERNANDORENA, C.L.M. **Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1972.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 9-90.

MATTOS LIMA, Joana D’Arc. **“Difusão lexical na vibrante final”**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. UFRJ, 1992.

MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil: **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.35, n.1, p.275-284, mar.2000.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender LABOV**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de. **Reanálise de um problema de variação**. Série estudos Fiube: português: estudos lingüísticos, Uberaba, MG, n. 7, p. 23-51, 1981.

SILVA, G. M. de O. “Coleta de dados”. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117-133.

RONCARATI, Cláudia. MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Variação e Aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 4ª Edição. Série Princípios, São Paulo: Ática, 1994. 96 p.

VILAÇA, D. W. **A variável (R) em final de palavra no bairro Várzea, município de Lagoa Santa-MG**. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

VOTRE, Sebastião J. **Aspectos da variação Fonológica na Fala do Rio de Janeiro**. Dissertação de Doutorado, Rio de Janeiro, 1978.